

Documentos SBEE

Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas
ANO XL NÚMERO 38 2025

www.sbee.org.br



REENCARNACÃO
PESQUISA ESPÍRITA

29 DE JUNHO, 504 - CAIXA POSTAL 18114 CEP 80530-970 CURITIBA - PARANÁ BRASIL



REENCARNAÇÃO

PESQUISA ESPÍRITA

Documentos SBEE

Editorial	03
A Pesquisa Espírita	04
A força constitutiva do novo cognitivo: a retrodução	13
Reencarnação: alvorada para ser e crescer.....	18
Por que reencarnamos?	28
Poema: Reflexões	31
A Filosofia do Organismo	32



Editorial

Neste número, continuamos com o tema da Reencarnação. Além de ser um dos princípios basilares da Doutrina Espírita, ainda há muita controvérsia sobre o tema, particularmente em inúmeros sites na internet, supostamente espíritas ou não.

Encontramos abordagens que beiram ao absurdo, como “explicações” simplistas, sobre a tragédia da Boite Kiss, em Santa Maria (RS), afirmando serem aqueles jovens, que lá pereceram, serem a reencarnação dos algozes que mandavam as pessoas para as câmaras de gás, nos campos de concentração nazistas, como o famoso de Auschwitz-Birkenau. Imaginem os pais desses jovens, que passaram por esta inominável tragédia familiar, ouvirem narrativas deste tipo.

Assim, tratar de tema tão caro ao Espiritismo e oferecer interpretações divergentes deste senso comum reducionista, com abordagens profundamente mecanicistas acerca do tema, continua sendo imprescindível para a necessária e inadiável contextualização do pensamento espírita, à luz do conhecimento contemporâneo. Afinal, quando Kardec publicou o “Livro dos Espíritos”, o mundo era diferente do momento atual. Kardec foi um acadêmico com forte disciplina metodológica, em face dos cânones científicos de sua época, que assentavam-se na visão mecanicista newtoniana-cartesiana que orientava toda a reflexão crítica de até então. O que veio ser o chamado eletromagnetismo, surge a lume num primeiro momento com Hans Christian Orsted (1820), descobrindo que correntes elétricas geram campos magnéticos. Esta constatação é complementada por Michael Faraday (1831), demonstrando que a indução eletromagnética, através

de campos magnéticos variáveis, gera corrente elétrica. Estes dois primeiros passos foram unificados pelas famosas equações de James Clerk Maxwell (1864). Assim, o eletromagnetismo abre uma brecha no edifício lógico da Física Clássica newtoniana, permitindo o advento da Teoria da Relatividade e da Física Quântica algumas décadas depois.

Portanto, não é possível continuar com narrativas datadas e requentadas, simplistas e mecanicistas, depois da intensa, extensa e profunda revolução científica do Século XX. É preciso contextualizar e atualizar nossa compreensão dos princípios permanentes que sustentam o corpo doutrinário do Espiritismo.

Ainda teremos, nesta edição uma reflexão sobre a Filosofia do Processo, ou do Organismo, de Alfred North Whitehead sobre uma possível aproximação do seu pensamento com algumas das matrizes trazidas por Antonio Grimm, além de considerações sobre o processo de retrodução. Teremos, também, uma seção dedicada à poesia prata da Casa.

Boa leitura!



A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

1) INTRODUÇÃO

A pesquisa espírita refere-se ao estudo e pesquisa dos fenômenos espíritas. A grande dificuldade da pesquisa é que faltam elementos teóricos para avaliá-la e explicá-la adequadamente.

Mas a pesquisa do fenômeno espírita tem que ser feita a partir dos instrumentos e instruções da ciência.

Para Antonio Grimm existe uma única ciência e o Espiritismo tem que estar embasado nos princípios da ciência.

A pesquisa espírita pode ser iniciada como uma pesquisa empírica, procurando registrar os fenômenos, buscando elementos para que se possa paulatinamente chegar a leis e teorias.

Não que os fatos por si só possibilitarão chegar a leis gerais, mas eles permitirão entender algumas particularidades do fenômeno e juntamente com conceitos teóricos retirados de outras áreas, permitirão levantar algumas relações lógicas para mais tarde obter leis e teorias.

2) PESQUISA DO FENÔMENO ESPÍRITAS

A pesquisa do fato espírita envolve algumas particularidades que o médium deve atentar.

A pesquisa espírita começa com a observação metódica e o registro do fato espírita.

O objeto de pesquisa não pode ser submetido à vontade do pesquisador, que pode no máximo analisar os resultados do processo mediúnico, que é o produto mediúnico. Assim, é importante que o pesquisador procure observar os fenômenos e na medida do possível busque, de forma indutiva, explicações, sabendo que deverá sempre verificá-las experimentalmente. Para Grimm:

A pesquisa espírita se fundamenta na observação, na indução e no experimento. Em alguns casos, não se nega a possibilidade de se observar e deduzir, no entanto, é importante ao agente mediúnico procurar fazer domínio adequado, num nível de práxis significativo, que lhe permita observar com cautela e com a consciência crítica de que não há neutralidade. Outrossim, o agente mediúnico deve levantar instrumentos e instruções adequadas para, criticamente, induzir e, com critérios responsáveis e que possam responder à expectativa, fazer experimentos (1).

Segundo Grimm, a pesquisa espírita deve começar pela observação do fato mediúnico, sempre com uma visão crítica. Mas, não a observação ingênua que acredita que toda observação deve ser feita com a "mente limpa", sem utilizar nenhuma teoria.



A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

Grimm afirma que a observação deve ser feita com a consciência de que não há neutralidade. Isto é, cada vez que um indivíduo observa algo, ele tem todo um background cultural que faz com que sua observação seja embasada por teorias que já aprendeu anteriormente. E finalmente deve fazer experimentos, para tentar comprovar o que verificou.

A epistemologia espírita mostra que o objeto de pesquisa está fora do alcance material, mas assim mesmo é possível pesquisá-lo. O que se observa é o resultado, isto é, o produto mediúnico. Segundo Grimm:

O médium é capaz de criar instrumentos e instruções para pesquisar a verdade que está fora do alcance do existente material propriamente dito (2).

A verdade fora do alcance da matéria faz parte dos processos espíritos e é possível conhecer os efeitos de alguns processos sem compreendê-los em sua essência. Por isto, é necessário começar o estudo por aquilo que se consegue perceber objetivamente, que é o produto mediúnico. Assim, a pesquisa empírica tem uma grande importância na casa espírita. Segundo Grimm:

A pesquisa sistemática empírica, na casa espírita, permitirá o desenvolvimento do conceitual spiritista. Portanto, ampliará as estruturas do conhecimento do Espiritismo, numa

relação referencial de ciência, filosofia e religião em processo de cognição, afeição e linguagem psicomotora (3).

A pesquisa empírica sempre foi necessária na fase inicial da construção de qualquer área da ciência. A ciência começa com a observação sistemática, para depois construir teorias.

Quando A. Grimm se refere à pesquisa empírica, ele está se referindo à visão da ciência experimental, na qual o pesquisador vai ao laboratório para levantar dados buscando uma explicação para algum fenômeno, embasado por algum conceito teórico.

O pesquisador faz suas observações sempre suportadas por conceitos teóricos. Segundo Köche, (4), "os dados empíricos só podem ter relevância a partir de um determinado critério orientador", isto é, de conceitos teóricos.

Para Köche, (4), a observação pode servir para delimitar o fato analisado, bem como estimular o intelecto na procura de explicações.

Assim, Grimm não propõe uma pesquisa empírica na visão do empirismo ingênuo, onde o pesquisador deveria fazer o experimento liberto de toda e qualquer concepção prévia.



A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

Ele propõe que antes de qualquer experimento seja feita a concepção do objeto de pesquisa, para apenas depois disto fazer a percepção, isto é, a medição dos dados do experimento. E após isto, obter uma nova consciência a partir dos resultados obtidos, para em seguida recomençar o processo concepção-percepção-consciência.

A pesquisa crítica empírica permitirá que se aumente a conceituação teórica em áreas como, a transmutação de energia no passe, a psicopictografia, a psicografia, a psicofonia etc. (3).

Esses resultados farão subsídios teóricos para diversas questões teórico-práticas, ao mesmo tempo em que sustentarão novas pesquisas, produzindo um dinamismo intenso e de profunda envergadura em toda a causa espírita (3).

Grimm afirma que o uso da ciência experimental empírica permitirá, paulatinamente, o desenvolvimento de um conceitual teórico.

A “ciência espírita” é a experiência espírita colocada e estruturada na metodologia científica. A pesquisa sistemática empírica espírita trará respostas significativas à teoria espírita, aumentando o campo da própria pesquisa, bem como suprirá vá-

rias questões práticas que precisam urgentemente sofrer alterações, novas concepções, conceituações diversificadas. Por exemplo, a consciência do código reencarnatório, a sua utilização, a mediunidade, o processo mediúnico, as relações de interfrequências culturais diversificadas, o médium e o psicossocial do grupo cultural (3).

Grimm afirma que o processo experimental irá ajudar o crescimento teórico da pesquisa espírita, mas que não se deve abandonar a reflexão abstrata, pois ela permite integrar melhor os dados obtidos.

E, a intuição é também muito importante em todas as áreas de pesquisa.

Segundo Einstein, (apud (4)), “uma teoria não pode ser fabricada a partir dos resultados de observação, mas há de ser inventada”. Só que há um longo caminho para a invenção de uma teoria. E este caminho passa pelo processo intuitivo.

O Espiritismo deverá organizar, caracterizar o pensamento científico, instrumentalizando e instrucionalizando os médiuns à pesquisa, não abandonando a reflexão abstrata, fazendo a indagação empírica, mas construindo uma metodologia adequada à realização da análise indutiva.



A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

Desta feita, caracterizando a ciência aplicada ao Espiritismo, a Doutrina estará colhendo o fruto de mais de cem anos da codificação de Kardec, saberá avaliar a direção, e, com nível crítico, portanto racional, fará o sentido da ciência aplicada. Assim, o fluxo da teoria à prática terá mão dupla, ambas crescerão trazendo não só conceituações, descrições, mas revelações científicas, que permitirão a cogência da Doutrina dos Espíritos aparecer plenamente no mundo da ciência (3).

O conhecimento intuitivo tem uma grande significação no processo de ciência. Muitas teorias não foram obtidas apenas por um processo experimental, mas foram inventadas (4).

Segundo Grimm, "o processo intuitivo deve ser crítico, sem misticismo, cada um terá que aprender a limpá-lo, a clareá-lo, para alcançar resultados sem se deixar iludir pelo misticismo, o dogmatismo ou facilidades" (5).

A intuição deve ser trabalhada na pesquisa do fenômeno espírita, pois através dos sentidos o ser humano enxerga apenas uma pequena parte do que realmente existe.

A Doutrina dos Espíritos procura sensibilizar os seus agentes à compreensão do existente, procurando demonstrar que nem tudo o que existe é possível sentir e que nem tudo o que uma determinada pessoa sente existe no plano do existente revelado (2).

Antonio Grimm afirmou a importância do processo de pesquisa imanente. O método imanente refere-se ao homem buscando nas suas próprias potencialidades as perguntas e respostas para as questões a serem estudadas. Método que considera todo o acervo reencarnatório do pesquisador.

A Doutrina procura demonstrar que os sentidos fortalecem a percepção do espírito, em nível de frequência material. No entanto, cada homem, em face do referencial reencarnatório, portanto, das experiências vividas, é capaz de processar conhecimento intuitivo. E que o médium tendo em vista a sua potencialidade desenvolvida ao longo do processo reencarnatório, é capaz de fazer alcance do existente sem o concurso de instrumentos materiais, que é capaz de produzir conhecimento integrado à realidade do chamado conhecimento científico, sem materialmente ter alcançado as lides da ciência (2).

A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

3) TEORIA DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

A Doutrina Espírita possui uma epistemologia própria, ou seja, uma teoria do conhecimento espírita, conforme é enunciado por Antonio Grimm: “a Doutrina dos Espíritos apresenta uma teoria do conhecimento que se desdobra em teoria do conhecimento da ciência aplicada ao conhecimento espírita, teoria do conhecimento da filosofia espírita e teoria do conhecimento da religião espírita” (1).

A teoria do conhecimento espírita está sistematizada numa linguagem que permite compreender que a ciência, a religião e a filosofia fazem a sua sustentação pela busca permanente da verdade. Portanto, a Doutrina dos Espíritos admite e ensina, através da teoria do conhecimento, que todas as teorias são biodegradáveis (1).

Ao afirmar que as teorias são biodegradáveis, Grimm afirma que elas são provisórias.

A epistemologia espírita possui elementos que permitem a avaliação de qualquer produto mediúnico, como, por exemplo, uma mensagem:

Quando se avalia a mensagem, em seu conteúdo, deve-se procurar alcançar, lógica e axiologicamente, o universal, o especialista, o alternativo e o individual em processo de sentido, bem como caracterizar a

forma, o significado, o uso e as funções (1).

Antonio Grimm enfatiza que a verdade alcançada depende da mentalidade científica de cada época e que toda pesquisa deve buscar sempre o novo.

Segundo ele “a quantidade de energia em cada campo mediúnico pode ser expressa por equação” (Grimm, 2021).

Para Grimm, “o campo mediúnico apresenta características próprias, fundamentos, padrões, leis, vibrações, sons e tons diferenciados, a serem pesquisados” (Grimm, 2019a).

Por isso ele conclama que “há um funcionamento do campo mediúnico que deve ser pesquisado” (Grimm, 2021).

O Espiritismo, sendo ciência, aceita, através da teoria do conhecimento científico aplicada ao Espiritismo, que a verdade alcançada num dado momento pelo estudo, pela pesquisa, é a força da mentalidade da cultura científica que se implementa através de teorias, permitindo que alguns pesquisadores, nas suas respectivas áreas de conhecimento, através de associação de ideias, alcancem um ponto de razoabilidade de ciência, e, assim, levantem teorias complexas, maleáveis, que, por sua vez, pelo



A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

processo da transdisciplinaridade, permitirão novas associações de idéias, descobertas, inovações, invenções, enfim, o novo (6).

Segundo Grimm, “o pensamento complexo vai mostrar que não se alcança a realidade por um mero protocolo. Alcança-se a realidade por um conjunto de consciência que nos estrutura para termos concepção-percepção-consciência, quer dizer, o poder de conceber, poder de perceber e de conscientizar” (7).

Grimm afirma que ciência se faz pela complexidade.

A Doutrina dos Espíritos, através da teoria do conhecimento espírita, entende categoricamente que o estudioso, o pesquisador, para alcançar a sistematização do conhecimento, terá que aprender os estágios da observação, da indução e da experimentação, que são rigorosamente científicos, bem como compreender que ciência se faz pela complexidade (1).

SEGMENTOS DO CONHECIMENTO

A Doutrina dos Espíritos entende que é preciso, numa visão didática, compor quatro segmentos de conhecimento:

1) O conhecimento empírico alcançado pelos sentidos, aumentado pela tecnologia, se constituindo conceitual-

mente na ciência empírica. A Doutrina alerta que é preciso reagir contra o excesso de domínio dos epistemólogos clássicos que instituíram o status e os papéis de repetidores, de funcionários do pensamento, impedindo o livre exercício de encadeamentos, criações, portanto, de pensamento livre. Daí o centro espírita fazer a agência do ensinar a pensar (8).

2) O conhecimento racional advém do domínio, do alcance, lógico-matemático, permitindo o aparecimento das ciências exatas. É preciso muita atenção, bem como permanente estudo e pesquisa, para que se possa fazer cuidadosamente o uso sem distorções. Não se deve esquecer que também neste setor medram os epistemólogos clássicos (8).

3) O conhecimento intuitivo advém de toda experiência do espírito que alcançou uma consciência de olhar para dentro de si. Portanto de fazer o acompanhamento do olhar olhando e assim perceber substancialmente o seu ser sendo, numa efetiva composição de corpo e alma, matéria e espírito, inteligência, individualidade, lhe permitindo, por uma iluminação interior, alcançar unidades funcionais artísticas, linguagens poéticas. É a visão interior que perpassa a visão material integrando o ser no Cosmos (8).

4) O conhecimento espiritual só acontece quando o espírito humano alcança, ao longo do seu processo



A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

reencarnatório, o treinamento adequado para conceber, perceber, com os conhecimentos empírico, racional matemático-lógico e intuitivo, intensa e extensamente, que há um Creador absolutamente vinculado ao seu próprio ser (8).

Segundo Grimm, "o agente mediúnico deverá no domínio do sentido intuitivo, do imaginativo e do intelecto, fazer base para compor o espiritual" (8).

4) CIÊNCIA APLICADA À PESQUISA ESPÍRITA

Antonio Grimm afirma que não há "ciência espírita", existe apenas a ciência que é base para a pesquisa em qualquer campo do conhecimento. É um grande erro afirmar que a "ciência espírita" utiliza conceitos separados da ciência oficial. Quando os espíritos trouxeram o conceito de "ciência espírita" eles procuravam sensibilizar os médiuns a entenderem a necessidade de se fazer pesquisa nos centros espíritas, mas sempre embasada na ciência. Toda a pesquisa espírita deverá utilizar os instrumentos e instruções da ciência:

Não há "ciência espírita", quando Kardec disse que o Espiritismo seria ciência, filosofia e religião, ele não disse que teria uma "ciência espírita". Não há uma "ciência espírita". Há a ciência que o Espiritismo se serve. Há uma filosofia espírita, pois toda vez que

se cria um sistema de ideias, se cria um sentido filosófico. Mas ciência não, a ciência é uma só. E só se faz ciência com uma metodologia adequada, com regras críticas perfeitamente dominadas e postas a prova, para alcançar um quantificável, e avaliação de resultados. Então, ciência só se faz, absolutamente, em um nível quantificável. Sem procurar o bem ou o mal, mas procurando a verdade. O Espiritismo vai se servir de toda metodologia científica, da ciência. Ele vai se utilizar de métodos e técnicas de pesquisa. Não será "ciência espírita", mas será sempre, em termos de Espiritismo, ciência, filosofia e religião, (10).

Hoje encontramos denominações como ciências da engenharia, ciências médicas, etc. e sabemos que correspondem à ciência aplicada a uma área específica. Quando os espíritos trouxeram o termo "ciência espírita", eles o fizeram neste sentido, mas houve uma interpretação errada por partes dos estudiosos da Doutrina Espírita que começaram a admitir que "ciência espírita" seria algo desconectado da ciência. Para evitar esta distorção, Antonio Grimm afirmou que existe apenas a ciência e que ela pode ser particularizada e aplicada à pesquisa espírita. E para reforçar a importância da ciência, ele afirmou que o "Espiritismo é da ciência", (11).



A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brera de Campos

Segundo Grimm, a ciência no Espiritismo “há de crescer numa composição de laboratórios, centros de pesquisas, processos experimentais, teorias de campo, metodologia científica, métodos e técnicas de pesquisa, e um senso crítico hermenêutico apurado” (9).

Segundo Grimm, “não há ciência sem complexidade, sendo que a hipercomplexidade em alguns setores, permite a compreensão da desorganização, da renovação, da interação e do sentido eslétrico entre os elementos que compõem o sistema” (1).

Grimm afirma, “a ciência é feita com rigor metodológico. No que diz respeito ao estudo e a pesquisa, a Doutrina dos Espíritos deve criar, através dos níveis de ciência, protocolos confiáveis, métodos adequados, para alcançar, em níveis quantificáveis e qualificáveis, a verdade dentro do seu campo de atividade científica, como por exemplo, a visão crítica da política, da antropologia, da medicina, das engenharias, da agronomia, da estatística, da cibernética, etc.” (12).

Conforme Grimm “fazer ciência significa se instrumentalizar e instrucionalizar pelo conhecimento, pelo saber e pelo saber-fazer, expressando, de dentro para fora, segurança, alcançando domínio de área, de pesquisa, de sítio, de foco” (1).

5) CONCLUSÃO

Kardec fez um trabalho grandioso ao organizar e dar corpo à Doutrina dos Espíritos. Mas, ele sabia que alguns conceitos teriam que ser reavaliados.

Por isto, ele escreveu: “O Espiritismo avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará neste ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará” (13).

Kardec através de sua obra trouxe os elementos básicos para a pesquisa do fenômeno espírita.

Pesquisadores espíritas, contemporâneos a Kardec, foram compondo outras obras que definem, junto com a obra de Kardec, um arcabouço para a pesquisa espírita.

Antônio Grimm em sua obra complementa e atualiza a obra de Kardec e de outros pesquisadores com relação à pesquisa do fenômeno espírita.

Assim, é muito importante que os médiuns façam mais estudos e pesquisas sobre o Espiritismo, para ajudar a ampliar a mentalidade espírita de pesquisa.

A PESQUISA ESPÍRITA

Paulo Roberto Brero de Campos

*Paulo Roberto Brero de Campos
Engenheiro, Professor e
Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) Grimm, Antonio. Cadernos de psicofonias de 2002. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 2011.

(2) Grimm, Antonio. Cadernos de psicofonias de 1999. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 2000.

(3) Grimm, Antonio. Cadernos de psicofonias de 1997. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 1999.

(4) Köche, J.C., Fundamentos de Metodologia Científica - teoria da ciência e iniciação à pesquisa. , 26ª ed. RJ: Editora Vozes, 2009.

(5) Grimm, Antonio (espírito). Cadernos de psicofonias de 2004. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 2005.

(6) Grimm, Antonio (espírito). Cadernos de psicofonias de 2003. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 2013.

(7) Grimm, Antonio. Mensagem psicofonada pelo médium Maury Rodrigues da Cruz, no dia 19/04/13, Notas de aula.

(8) Grimm, Antonio (espírito). Cadernos de psicofonias de 2011. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 2012.

(9) Grimm, Antonio (espírito). Cadernos de psicofonias de 2007. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 2008.

(10) Grimm, Antonio. Mensagem psicofonada pelo médium Maury Rodrigues da Cruz, no dia 26/03/10, Notas de aula.

(11) Grimm, Antonio. Mensagem psicofonada pelo médium Maury Rodrigues da Cruz, no dia 15/06/12, Notas de aula.

(12) Grimm, Antonio (espírito). Cadernos de psicofonias de 2010. Psicofonado por Maury Rodrigues da Cruz. Curitiba: SBEE, 2011.

(13) Kardec, Allan. A Gênese. Brasília: FEB, 2013



A FORÇA CONSTITUTIVA DO NOVO COGNITIVO: A RETRODUÇÃO

Flavia Zanferlon

O título deste artigo corresponde à primeira frase apresentada pelo Espírito Antônio Grimm, por intermédio do médium Maury Rodrigues da Cruz, sobre o conceito de retrodução. Essa frase foi anunciada na primeira aula de junho de 2018 (08/06/2018), inaugurando, na SBEE, um olhar específico e sistemático sobre o tema.

Seria possível dizer que a escolha do título presta homenagem a Grimm, a Cruz e à equipe da SBEE, em reconhecimento à oportunidade de, na vivência institucional, experimentar uma permanente estimulação da lucidez e do exercício de pensar. No entanto, a razão principal para empregar essa frase como título reside no fato de que ela sugere uma síntese precisa sobre o campo em que o conceito de retrodução opera.

Também chama atenção — e de modo bastante característico de Antônio Grimm — a ordem expositiva: primeiro a síntese, o inteiro; depois, o fracionamento analítico, apresentando congruências entre o campo da retrodução e outros campos de saber, articulando referências, usos, significados e funções.

Historicamente, o conceito de retrodução surge pela primeira vez na cultura humana com Charles Sanders Peirce, em manuscritos datados de em 1901. Peirce registra: “O raciocínio que sugere uma hipótese é chamado por mim de *retroduction*.” Assim, a re-

trodução é apresentada como o processo racional de gerar hipóteses (explicações) a partir de fenômenos observados. Essa formulação tem mais de um século. Surge então uma pergunta inevitável: por que Grimm e Cruz a situam como força do “novo cognitivo”?

É pertinente recorrer aqui ao modelo da espiral do conhecimento, desenvolvido por Ikujiro Nonaka e Hirotaka Takeuchi (1995). Essa perspectiva indica que o conhecimento não se constitui de forma linear; ao contrário, vivências passadas podem adquirir novos significados quando tocadas por vivências atuais. O conhecimento se transforma continuamente no processo existencial do ser.

Esse modelo nos permite considerar com mais cuidado a proposta do “novo cognitivo”: o que, no presente, permite reaprender Peirce? O que muda em nós — e no campo simbólico, intelectual e vivencial — para que um conceito formulado no início do século XX se revele hoje em novo patamar de compreensão?

Se, segundo Grimm e Cruz, a retrodução é força constitutiva do novo cognitivo, e, segundo Peirce, é o processo racional generativo de explicações, então podemos compreendê-la como uma ação men-



A FORÇA CONSTITUTIVA DO NOVO COGNITIVO: A RETRODUÇÃO

Flavia Zanferlon

tal estruturada — um modo específico de pensar. Aqui reconhecemos novamente ecos do ensino contínuo de Antônio Grimm: o convite persistente para aprender a pensar.

E, antes de seguir com pensamento de Grimm e Cruz, vamos observar um pouco mais sobre o campo histórico do conceito retrodução.

A RETRODUÇÃO COMO FERRAMENTA LÓGICA

Como já amplamente documentado na literatura (CP 5.171; EP 2:231–245), Charles Sanders Peirce definiu a retrodução — também chamada de abdução — como o movimento lógico de criação de hipóteses explicativas para fatos surpreendentes.

Características centrais:

- método de geração de hipóteses
- é a primeira fase do método científico;
- introduz ideias novas na investigação;
- tem caráter conjectural;
- é sempre seguida por dedução e indução.

Peirce não atribui à retrodução valor ontológico, mas exploratório e heurístico.

A RETRODUÇÃO PARA ACESSAR A REALIDADE

Depois de Peirce, com o Realismo Crítico, a retrodução assume função ampliada

com Roy Bhaskar (1975; 1979), e a retrodução é compreendida como o raciocínio que busca identificar:

- mecanismos causais,
- estruturas profundas,
- condições necessárias que tornam possível um determinado evento observável.

É, portanto, uma inferência para as condições de possibilidade. Aqui a retrodução participa de um modelo ontológico estratificado no qual:

- o empírico = o que é experienciado;
- o atual = o que ocorre;
- o real = mecanismos e estruturas que produzem os eventos.

A diferença fundamental é que o Realismo Crítico confere à retrodução um estatuto ontológico, enquanto Peirce lhe confere estatuto lógico.

A RETRODUÇÃO COMO FORÇA HERMENÊUTICA DO COGNITIVO

A Doutrina Espírita integra história humana. **Sua força acontecimental é de retrodução num processo crítico de utilizar os quatro tempos: presente, passado, futuro e presente**, criando a unicidade na força da complexidade. (GRIMM E CRUZ, p104, Caderno de Psicofonias 2018)



A FORÇA CONSTITUTIVA DO NOVO COGNITIVO: A RETRODUÇÃO

Flavia Zanferlon

Aqui a retrodução é compreendida como movimento temporal da consciência: iniciamos no presente observável, recuamos ao passado que sustenta o fenômeno, avançamos ao futuro para ver desdobramentos possíveis e retornamos ao presente com uma compreensão ampliada.

Essa abordagem não busca substituir os usos filosóficos e científicos da retrodução; busca, antes, evidenciar como ela se realiza por meio de um ordenamento temporal do pensamento, capaz de integrar a busca, a organização e a articulação de dados, informações e conhecimentos em diálogo contínuo com a experiência e com a realidade.

A abordagem de Grimm e Cruz pode ser caracterizada como hermenêutica porque opera fundamentalmente no campo da interpretação da experiência e no movimento interno da compreensão. Diferentemente das propostas de Charles Sanders Peirce, voltadas à lógica da descoberta, e de Roy Bhaskar, orientadas à identificação de mecanismos ontológicos que tornam fenômenos possíveis, a formulação de Grimm concentra-se em como a consciência interpreta, organiza e integra o real. Seu foco não é a estrutura causal dos fenômenos, nem a forma lógica do raciocínio, mas o percurso pelo qual o sujeito compreende o que vive.

Nesse sentido, a retrodução, não opera como uma técnica formal ou um método epistêmico externo, mas como um ordenamento temporal do pensar: um movimento que parte do presente, revisita o passado estrutural, projeta desdobramentos futuros e retorna ao presente com compreensão ampliada. Essa sequência corresponde a uma dinâmica típica da hermenêutica, que descreve a compreensão como processo temporal, circular e integrativo. Autores clássicos desse campo — como Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur — já indicavam que compreender é articular temporalidades e produzir sentido a partir da interação entre experiência e interpretação.

Além disso, a retrodução como uma ação mental estruturante, desloca-se do foco da explicação para a experiência da compreensão, característica central da hermenêutica. A retrodução, nesse modelo, não é apenas um recurso cognitivo, mas uma forma de o sujeito se relacionar com a realidade, organizando dados, memórias, expectativas e percepções em uma unidade significativa. Trata-se de um processo que envolve intencionalidade, diálogo interno e abertura ao sentido — dimensões essenciais da hermenêutica como campo filosófico.

A FORÇA CONSTITUTIVA DO NOVO COGNITIVO: A RETRODUÇÃO

Flavia Zanferlon

Assim, a visão de Grimm e Cruz é hermenêutica porque descreve o modo como compreendemos, e não apenas aquilo que compreendemos; articula o fenômeno com a consciência interpretante; e concebe a retrodução como prática de inteligência, organização e integração da experiência.

Essa perspectiva enriquece a discussão ao situar a retrodução não apenas como operação lógica ou ontológica, mas como experiência interpretativa, fortalecendo sua compreensão como arquitetura cognitiva constituinte do novo cognitivo.

SÍNTESE COMPARATIVA

Dimensão	Charles Sanders Peirce	Roy Bhaskar	Grimm e Cruz
Estrutura	Lógica	Ontológica	Hermenêutica
Foco	Geração de hipótese	Identificação de mecanismos causais	Compreensão e constituição da realidade
Pergunta-chave	Que hipótese explicaria isso?	Que mecanismos tornam isso possível?	Como compreender este fenômeno?
Ação	Criatividade explicativa	Explicação causal profunda	Movimento da consciência nos 4 tempos: presente, passado, futuro, e presente.

A comparação mostra que os três enfoques não competem entre si; ao contrário, podem ser vistos como três camadas complementares: Peirce ilumina a gênese do pensamento explicativo, o Realismo Crítico aprofunda sua estrutura causal e Grimm descreve seu movimento experiencial e cognitivo.



A FORÇA CONSTITUTIVA DO NOVO COGNITIVO: A RETRODUÇÃO

Flavia Zanferlon

O NOVO COGNITIVO: RACIONALIDADE HUMILDE E IMANENTE

A compreensão ampliada da retrodução — articulando a criatividade lógica de Peirce, a profundidade ontológica do Realismo Crítico e a hermenêutica temporal de Grimm e Cruz — convida-nos a cultivar uma forma específica de exercer o pensamento: **uma racionalidade humilde**.

Trata-se de uma racionalidade que reconhece a potência do intelecto humano, mas também seus limites; que busca explicações rigorosas, mas mantém abertura à experiência; que investiga mecanismos, mas não se afasta do cuidado com a vida.

Essa racionalidade humilde encontra ressonância nos valores cristãos — como ética existencial. Nessa perspectiva, pensar não é apenas um ato cognitivo, mas um exercício ético-espiritual.

A retrodução é uma ação de busca e de construção: uma abertura sem escapismo, com postura ancorada no ser, em si mesmo, e integrada à natureza e à vida em seu conjunto. Ela expressa o gosto por aprender, por ser aprendiz de si e do mundo, sustentando uma atitude humilde. É o existente do ser em movimento, revelando sua essência e manifestando, assim, uma ação imanente.

RETRODUÇÃO NO GLOSSÁRIO DO CADERNO DE PSICOFONIAS 2018

Retrodução — em lógica, é o mesmo que o terceiro tipo de raciocínio, além da indução e da dedução; segundo Charles S. Peirce, é alcançar a inferência a melhor explicação para um determinado acontecimento, que vai do consequente (presente) ao antecedente (passado). É uma inferência que estabelece causas prováveis. Seu objetivo é buscar uma explicação provável para a situação em estudo.

Segundo Antonio Grimm, é um processo crítico de raciocínio que pode ser dividido em quatro tempos: presente, passado, futuro, presente, criando a unidade na força da complexidade. O primeiro tempo é o movimento que se cria compondo o fato consequente (o problema) no presente. No segundo tempo identifica-se o antecedente (o que veio antes e pode ser considerado como possível causa). No terceiro tempo avaliam-se os desdobramentos, as consequências, os resultados possíveis. E no quarto tempo volta-se para o presente com a sustentação da explicação provável para a situação em estudo.

A consequência do **movimento rotrodutivo** representa a **dinâmica do campo mediúnico** onde o movimento de composição do consequente e do antecedente do processo do consequente na sua sequência substancial alcança o antecipado ou plasma da cultura para o futuro. (Caderno de Psicofonias 2018, p.296 e 297).

REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

DE ONDE VEM O CONCEITO DE REENCARNAÇÃO?

O conceito de reencarnação é uma resposta consistente para a questão da vida após a morte física. Está intimamente ligado à vida, à experiência do homem no plano terrestre. Ao longo do tempo, vem sendo discutida em correntes de pensamento religioso, igrejas, escolas teológicas e, a partir do século VI a.C., por filósofos que desdobraram vários entendimentos, que assumiram diferentes nomes, como: metempsicose, metensomatose, palingenesia, transmigração das almas, transmigração de corpos, ressurreição, reencarnação, trânsito entre frequências diferenciadas, trânsito entre meios com densidade diferenciada. Na cultura ocidental, por exemplo, há grandes pensadores com visão reencarnacionista como:

- Pitágoras (cerca de 530 a.C.)
- Empédocles (495-430 a.C.)
- Platão (428-348 a.C.) *não há filosofia sem Platão e a dele é reencarnacionista
- Orígenes (185-253 AD), um dos pais da igreja primitiva, mencionava a pré-existência da alma, que iria assumir um corpo físico; mas há controvérsia sobre a sua aceitação da reencarnação
- Plotino (205-270 AC), iniciador do neoplatonismo, que influenciou Agostinho de Hipona.

COMO A DOCTRINA ESPÍRITA JUSTIFICA A REENCARNAÇÃO?

Ciência: para a Doutrina, a reencarnação não é, primeiramente, uma questão científica. A ciência, ao considerar a reencarnação (mecanismos, processos) como objeto do seu interesse, tornar-se uma ferramenta importante para ampliar a compreensão de todo o processo. No entanto, não é porque há evidências “científicas” que a Doutrina considera a reencarnação como um de seus princípios.

Teologia: a reencarnação pode ser considerada dentro de uma perspectiva teológica, como uma resposta ao que acontece após a morte física. É uma questão de fé na continuidade da vida após a morte física. Havendo fé no sentido da continuidade e, principalmente, da continuidade com o retorno periódico à matéria, a compreensão que se pode ter da ação de Deus ou a justiça divina (a Teodiceia, de Leibniz 1646-1716), muda completamente e, mais ainda, ao se considerar a perspectiva de Deus imanente.

Filosofia: a reencarnação, para a Doutrina, é antes de tudo uma resposta filosófica à questão da existência do ser após a morte do corpo físico, resultado de uma reflexão crítica sistemática, sustentada por uma argumentação sólida.



REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

da, que busca a maior coerência e consistência, e o desdobramento lógico de seu entendimento.

A Doutrina Espírita considera a reencarnação como uma questão de alta relevância, tanto é que ela integra o conjunto dos princípios e fundamentos que compõem o conhecimento doutrinário, a saber: Deus, Moral Cristã, Livre Arbítrio e Mediunidade. Ao lado de outros conceitos que assumem grande importância para a Doutrina Espírita como espírito, evolução, causa e efeito, fé racional, doutrina social espírita, unidade do conhecimento (ciência, filosofia e religião – cogência), que servirão de referência aos pensamentos e ações das pessoas nos mais variados contextos da vida pessoal e social. Esse conjunto de ideias fornece uma cosmovisão de tudo o que existe, do existente, e da existência de cada pessoa em particularmente, seria capaz de levar a cabo.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA REENCARNAÇÃO PARA O ESPÍRITO?

O espírito é um Ser que alcançou graus de consciência de si mesmo e de inteligência crítica, o que permite que tenha capacidade de fazer escolhas e, com isso, determinar uma trajetória, num processo de ampliação de seu conhecimento, que resulta em ampliação de sua consciência. A reencarnação, refere-se ao processo de retorno periódico do espírito ao polissistema material, que lhe propicia condições para novas experiências, vivências e convivências.

Ao fazer o encarne, o espírito desenvolve uma “interface”, o organismo biológico, que vai dar as condições para sua permanência no polissistema material, por determinado tempo (um capital de vida), que permite ao indivíduo desenvolver suas capacidades físicas, intelectuais, morais, emocionais e levá-lo a constituir um arcabouço de conhecimento para administrar o seu cotidiano.

Quando o espírito retorna para novas experiências ao polissistema material, ele é diferente do que era quando do desencarne anterior. Ao fazer o reencarne, procura direcionar as suas capacidades e habilidades (o que sabe ou tem condições de fazer) para um espaço cultural, uma região e local, em que isto seja útil, de forma que possa construir e ampliar seu “legado”. Ao mesmo tempo, deve também estar numa situação que lhe permita romper suas limitações e aumentar seus conhecimentos (o seu “acervo”), de forma a adquirir os saberes, o saber-fazer, os saberes sociais, os saberes espirituais.

A construção do conhecimento envolve uma infinidade de experiências vividas, percebidas e concebidas (conceitos assimilados pelo indivíduo) trazidas no seu acervo espiritual, e outras oriundas do conhecimento do seu próprio corpo (o aparato biológico), da cultura (fa-



REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

miliar, regional, nacional) e, ainda, do meio natural. As experiências ocorrem numa relação de vivências e convivências que se inicia na família e se sucede nos mais variados contextos ao longo da vida.

Assim, para o espírito é fundamental ter diversidade de experiências, que sejam as mais rentáveis possíveis; que a qualidade e a quantidade destas sejam de tal monta que gerem a maior quantidade de conhecimento. Pois ao se ir fazendo inventários de vida, de fato signifique uma ampliação significativa da consciência em relação a algum momento do passado.

Uma perspectiva geral para o espírito é considerar sua história evolutiva por meio de experiências, como ampliação de conhecimentos que resultam em ampliação da sua consciência, da compreensão da Causa primeira e inteligente (Deus) e de seu papel na estruturação e funcionamento inteligente do Universo.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NA REENCARNAÇÃO?

Dentro do processo reencarnatório a cultura tem um relevante papel na constituição do conhecimento por parte do indivíduo. Cultura tem vários conceitos, Ralph Linton (1893-1953), por exemplo, fala de “cultura como herança social”. Ou pode ser entendida como conhecimento acumulado por sucessivas gerações de espíritos en-

carnados, inclusive nós mesmos, ao longo do tempo, até o momento presente.

Então, o espírito, ao fazer o encarne, soma aos aspectos espirituais propriamente ditos e aos aspectos biológicos, os aspectos culturais do tempo e do espaço onde se está fazendo o encarne. Há uma diversidade cultural, uma diversidade de jeitos de fazer as coisas, que é riquíssima para o aprendizado.

Quando o espírito faz o encarne há desafios, há aspectos da cultura que ele pode mudar e transformar. Toda cultura tem costumes, que podem ser classificados como positivos (quando reforçam, expressam, valores morais universais), ou negativos (quando os negam, contrariam). E há costumes que podem ser considerados como inócuos, “neutros”, pois não expressam valores morais.

Ao se fazer o reencarne, haverá a oportunidade de transformar e modificar vários aspectos da cultura que talvez não precisem mais continuar. Assim como na cultura há inadequações, equívocos e incoerências, o indivíduo também percebe em si tais ocorrências, porque em todo processo humano e cultural há sempre algo a ser transformado, aprimorado ou até mesmo superado em definitivo. Dessa forma, a todos e a cada um, “difícil-



REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

dades” serão apresentadas em sua trajetória de vida. Estas, se encaradas como desafios, e não como “problemas, desgraças” serão portas que se abrem ao novo, ao que precisa ser conhecido, descoberto, enfrentado. Os desafios têm papel relevante para o espírito, pois trazem, na maioria das vezes, desequilíbrios, incertezas e dúvidas, que, no processo de enfrentamento, na busca de superação deles, gera aprendizado, gera crescimento e evolução.

O QUE ESTÁ EQUIVOCADO NO ENTENDIMENTO DA REENCARNAÇÃO?

Há ainda, ideias equivocadas, deturpadas, como as que a associam a reencarnação ao pagamento de dívidas de vidas passadas, resgate, punição, pecado, castigo, carma. Reencarnação não é algo voltado para o passado, algo constrangedor para corrigir as pessoas mediante a submissão à dor, ao sofrimento.

Carma (karma) é um termo empregado que expressa este entendimento deturpado. Em sânscrito, significa “ação”. Esta ideia, de ação, evoluiu para englobar a ação e suas consequências. E, daí, para a ação e suas consequências negativas. E, por fim, para ações com consequências negativas, como dor e sofrimento, que não podem ser modificadas, alteradas, imutáveis. Um entendimento, que além de estar errado, nega o princípio do livre-arbítrio, essencial para o espírito, ou a cultura, que teria gerado a ação inicial.

É importante lembrar que carma não é um conceito doutrinário, não se encontra citado nas Obras básicas e na Revista Espírita. No entanto, o termo foi importado de forma superficial de outras culturas, como se fizesse parte do conceito doutrinário de reencarnação. Mas, infelizmente, seu uso serve apenas para reforçar ideias equivocadas de fatalismo, dívidas, pagamentos, punições, castigos, resgate, dor e sofrimento.

COMO SE PODE ENTENDER REENCARNAÇÃO?

Reencarnação é instrumento para, a partir do presente, construir o futuro. Ela é entendida de uma perspectiva de crescimento, de ampliação da consciência do espírito frente a si mesmo, aos outros, à cultura, à natureza, Cosmo, à Causa primeira e inteligente. Uma oportunidade de transformação de si mesmo e da cultura da Terra. A reencarnação será sempre experiência para a renovação, a mudança, e ao novo.

O processo reencarnatório não ocorre aleatoriamente, desconectado, mas está inserido num projeto coletivo, imerso numa rede, sempre ligado a um determinado meio cultural, a um conjunto de pessoas, que são corresponsáveis pela sua própria evolução e corresponsáveis pela evolução do conjunto. Assim, todos do grupo estão coevoluindo. O espírito que faz o encarne, de-



REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

pendendo da quantidade de conhecimento, do quanto é seu acervo, pode vir a ser tutelado, assistido, orientado por outros espíritos encarnados e desencarnados e, por sua vez, vai colaborar, cooperar, ou se associar a outros espíritos. Quanto maior o acervo do espírito, maior seu grau de liberdade, maior sua capacidade de fazer escolhas. Mas, o conjunto de conhecimentos do espírito é variado e, em relação ao que ele não tem alcance, alguém do grupo o ajuda a fazer o processo de escolha.

COMO ENTENDER A RESPONSABILIDADE DIANTE DA REENCARNAÇÃO?

Quando o espírito faz aplicação do conhecimento, há sempre resultados, desdobramentos, consequências.

A responsabilidade pelo conhecimento aplicado depende:

- do próprio conhecimento do espírito,
- da intenção, da vontade, do desejo, do espírito ao sustentar a ação,
- das reações das outras pessoas com as quais o espírito interagiu,
- do contexto, das circunstâncias, da complexidade, da indeterminação, das contingências.

As consequências do conhecimento aplicado podem ser chamadas de positivas, de construtivas, à medida que sejam morais: quando faz a defesa da vida, quando respeita a diversidade, quando aumenta a liberdade e a capacidade de escolher etc., ou seja, quando constrói um mundo melhor.

Ou as consequências do conhecimento podem ser chamadas de negativas, quando implicam em dor, remorso, em função da responsabilidade, da intenção. Sempre lembrando que a divisão em consequências positivas e negativas é apenas uma simplificação didática.

Quando as consequências são positivas, e envolvem o espírito que iniciou a ação, podem ser chamadas de consequências meritórias, de mérito (um feedback de reforço). Quando as consequências são negativas, e seus efeitos envolvem o espírito que iniciou a ação, podem ser chamadas de consequências expiatórias, de expiação (um feedback de atenuação).

É bom considerar que o pensamento, a linguagem, as ações, o comportamento do espírito, estão inseridos em um sistema complexo e que seus efeitos, seus desdobramentos são o resultado de uma causalidade complexa.

Os conhecimentos alcançados por um determinado espírito, e por sua cultura, podem ser aplicados de várias formas: quando o indivíduo sabe e se propõe a fazer, preenchendo uma limitação do grupo onde se encontra, a sua aplicação é chamada de missão (“vou fazer porque sei”); quando o indivíduo ainda tem dificuldade em relação ao conhecimento em construção,

REENCARNAÇÃO:

ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

mas quer praticar, aplicar, é chamada de provação, por à prova (“vou tentar fazer”).

Qual o papel do livre arbítrio dentro do processo encarnatório? Ao se fazer o encarne, em um determinado espaço e tempo, se abrem campos de possibilidades, probabilidades e propensões, que são imensas, por exemplo: ter um filho; mudar de cidade, fazer um curso, mudar de emprego. As possibilidades são quase infinitas, as probabilidades dizem respeito ao que é matematicamente mais provável de ocorrer (à quantificação das possibilidades), e as propensões são o espaço para o exercício do livre-arbítrio, das escolhas, da vontade que o espírito tem para direcionar as situações nas quais está vivendo. Na trajetória de cada espírito encarnado haverá sempre contingências, que são os eventos, as situações, os acontecimentos, as ocorrências, que não são previstos ou controlados, mas que estão ligados numa rede de relações que podem impactar a vida de muitas pessoas simultaneamente, como acidente, guerras, ou ainda fatores ambientais, como terremotos, inundações, que podem alterar ou inviabilizar ou determinar mudanças e adaptações nos projetos que foram criados, escolhidos, e estavam em desenvolvimento.

Circunstancialmente, algumas experiências se tornam mais interessantes se o indivíduo mudar de meio: grupo, escola, cidade, país, buscando conti-

nuamente a agregação de ideias novas, positivas, melhorando os níveis de condições de vida, otimizando recursos e qualificando as interações.

É importante ressaltar o papel do novo no percurso do aprendizado. A permanência do espírito em espaços nos quais há pouca troca de informações e conhecimentos tende a limitar ou estagnar os aportes intelectuais. A permanência do espírito em situações nas quais não há mudanças gera menos crescimento que o possível.

O novo será sempre a mola propulsora para conhecimentos ainda não alcançados. Vale lembrar que todo o processo histórico vem sendo marcado pela presença do novo, sendo assim, responsável pelos saberes acumulados da humanidade.

Há propósitos definidos para o espírito reencarnante? O polisistema material permite uma série de experiências ao espírito que, através de projetos relativamente mais curtos, mais focados, podem ser oportunidades de mudar a cultura material e/ou enriquecê-la com experiências ligadas à diversidade e pluralidade de contatos.

Espíritos com características diferentes (pontos de vista, perspectivas, valores) tem a oportunidade de es-

REENCARNAÇÃO:

ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

tarem juntos no meio material, compartilhando trajetórias por algumas décadas, para fazer a convivência, e essa soma da diversidade é riquíssima, e gera uma grande quantidade de conhecimento. Daí a importância do convívio de pessoas com diferentes acervos, conhecimentos, habilidades, capacidades, limitações, origens, idades. A troca de conhecimento é altamente saudável para cada espírito em particular, e para a cultura como um todo.

Os espíritos, ao reencarnarem e durante suas trajetórias no plano material, têm vários projetos, de diferentes modalidades, por exemplo:

Projetos geracionais: a geração compartilha saberes, ideais, e realiza mudanças no processo cultural (que pode ser local, regional, nacional, transnacional). Cada geração deixa resultados, e deixa insumos geracionais para as próximas gerações.

Projetos do grupo familiar: projeto existencial envolvendo encontros, desencontros, saberes, limitações e afetos que estarão imbricados nos desafios do cotidiano familiar.

Projetos do grupo oculto: projetos de espíritos encarnados, mas sem relação biológica, ou conhecimento social, que ajudam a criar uma rede de sustentações por compartilhamento de intenções.

Projetos do grupo da família espiritual: projetos de espíritos, em parte encarnados, em parte desencarnados, que compartilham valores, intenções, pro-

jetos, ações, em uma sequência transencarnatória.

Projetos sincrônicos: projetos que se desenvolvem ao mesmo tempo, simultaneamente (trabalhar, ter filhos, estudar).

Projetos diacrônicos: projetos que vão se encadeando ao longo do tempo (e que mesmo com o desencarne, podem continuar a ser implementados).

Projetos contingenciais: prontidão para sustentar projetos que consideram e podem superar as situações colocadas pelas contingências da trajetória material.

O espírito sempre está participando de múltiplos projetos, com muitos objetivos, tanto quando está encarnado como quando está desencarnado. Assim, constata-se que o encarne não é evento de aprendizado e crescimento restrito a um espírito, mas de eventos que envolvem o todo – a coletividade. Pode-se perceber que há projetos cuja ênfase está no indivíduo e outros, no coletivo, alguns são “pontas-de-lança” que vão ser pioneiros para desenvolver alguns aspectos importantes, apoiados por projetos de encarnados e desencarnados, para dar sustentação, e realizar desdobramentos. Pode-se tomar como exemplo a primeira geração de estudiosos da mecânica quântica, nela havia pessoas de 70 anos, outras com 20 anos, de localidades e condições sociais diversas, mas



REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

que compartilharam o mesmo espaço conceitual de renovação da física por mais de 20 anos.

COMO SE DÁ A VINCULAÇÃO DO ESPÍRITO AO POLISSISTEMA MATERIAL?

A encarnação é mais bem entendida como um processo no qual há incontáveis grupos interagindo, continuamente, de forma complexa.

Como forma de ampliar a compreensão do pertencimento do espírito ao contexto no qual estará vinculado durante a encarnação é muito útil usar os conceitos de sistemas complexos, rede, rede mediúnica e de campo. A seguir são apresentados alguns comentários, de forma breve e didática.

Sistema complexo: Inicialmente podemos entender sistema como um conjunto de unidades as quais estabelecem relação entre si, sendo que cada uma guarda sua especificidade ou identidade. Quando estas interagem geram novas qualidades no comportamento do todo através de uma auto-organização própria a esse sistema. Assim, pode-se compreender que um sistema complexo abriga a parte, o todo e a totalidade. A conexão entre seus componentes produz algo muito além das peculiaridades de cada integrante. Dessa forma, é possível compreender que o espírito, como ser inteligente, comum ao sistema universal, está sempre em relação, em integração, estando encarnado ou

desencarnado. O espírito estará sempre em conexão com outros espíritos, e essa conexão produzirá novos comportamentos ou mentalidades.

Rede: pode-se compreender rede como uma dimensão compostas por núcleos (ou partes, ou nós) em relação, integração, interação dentro do sistema. Sua organização se dá de forma não-linear, não segue uma linha causal linear, direta, simplista. As vinculações se estabelecem por diversos caminhos, por vários canais de comunicação que permitirão trocas de conhecimentos, saberes entre os núcleos. Indistintamente, cada espírito estará ligado a várias redes. Nesse sentido Ir. Grimm apresenta exemplos: rede política, redes espirituais, redes jurídicas, redes sociais etc. Ou seja, o espírito está sempre numa relação de pertencimento a uma rede.

Quando diante de avaliações na trajetória evolutiva, é possível o estabelecimento de mudanças (conscientes) de núcleos dentro da mesma rede. No cotidiano, quando se alcança efetivamente determinado conhecimento ou algum valor ético, a pessoa muda seu comportamento, o que a leva, muitas vezes, a mudar seu papel dentro da rede, sua função como núcleo, com mudanças da qualidade e quantidade de interação com o conjunto das partes do sistema. Por



REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco

exemplo, o consumo de bebida alcoólica é aceitável por algumas pessoas, ou grupos de pessoas, mas para uma pessoa que tem problema com o alcoolismo a permanência junto ao grupo que consome esse tipo de bebida será sempre um risco. À medida que ela toma consciência da preservação da sua saúde, da sua integridade mental, ela evitará esse grupo, formará ou intensificará novas redes. A mudança pode ocorrer na vida profissional, política, familiar, social, religiosa, uma vez que o espírito é livre para fazer avaliações e decidir o que lhe é mais adequado, o que o aproxima, coerentemente, dos seus objetivos de vida. Essa vinculação se dá em rede, onde o espírito assume papéis, desempenha funções, interage, interatua, informa, comunica, de acordo com valores, afinidades, objetivos, interesses, ou seja, o espírito pode ser considerado como um dos “nós” de uma rede.

Campo: o conceito de campo ultrapassa a ideia de espaço físico passando a caracterizar uma região que está sob influência de alguma força, agente, conceito, ideia, valor, que pode se distribuir continuamente. O conceito de campo é importante para a compreensão da ação do espírito, pois ele estará também imerso “numa região”, que como parte do sistema complexo, segue sendo influenciado, comunicando e recebendo informações. Essa comunicação, cabe ressaltar, é de extrema relevân-

cia pois estará, objetiva ou subjetivamente, gerando desdobramentos. Daí a responsabilidade das comunicações mediúnicas serem processadas dentro de um padrão moral, visto que o produto de suas comunicações (pensamentos, linguagem, atos) atingem todo o Universo.

RESUMINDO: QUAL O SENTIDO DA REEN-CARNAÇÃO PARA A DOUTRINA ESPÍRITA?

Reencarnação é uma oportunidade para se aprender.

Deve-se fazer avaliação crítica de quem prejudicamos, mas também de quem ajudamos, de quem amamos. Deve-se reparar o erro se possível; se não for possível reparar, tentar não errar mais. Fazer aos outros o que não se teve tempo, nem possibilidade, nem sabedoria de fazer para quem esteve junto conosco na caminhada.

A essência do processo encarnatório para o espírito é ampliar o seu legado (o que deixa para os outros) e o seu acervo (o que deixa para si mesmo). Pode-se então perguntar: Qual o maior legado a ser deixado pelo espírito ao desencarnar? O exemplo. Qual o maior acervo a ser deixado pelo espírito ao desencarnar? O amor-conhecimento.

Como consideração do que foi discutido, deve-se considerar que cada espírito, no ciclo evolutivo, é

REENCARNAÇÃO: ALVORADA PARA SER E CRESCER

Rosalba Ribeiro Villa Branco



*Rosalba Ribeiro Villa Branco.
Graduada em Letras e Pedagogia
Pós-graduada em Literatura Brasileira e Literatura Infanto-Juvenil.
Professora e pedagoga na rede municipal de Curitiba.
Participante da SBEE no GEM de Quinta-feira desde 2003.*

sempre o produto de suas experiências. Assim, a reencarnação se faz através de graus de frequências, ou seja, de seleções que permitem ao espírito reencarnante a melhor adaptação ao meio, para que possa desempenhar seus papéis a contento: aprendendo e ensinando, ajudando e sendo ajudado, amando e sendo amado, transformando e sendo transformado.

A reencarnação pode ser considerada em uma perspectiva de crescimento, de ampliação da consciência do espírito frente a si mesmo e ao universo. É uma oportunidade de transformação da cultura da Terra.

A reencarnação será sempre experiência para a renovação, para a mudança, para o novo.

Como metáfora, a reencarnação é uma alvorada, um novo tempo que desponta para o ser viver sua essência e esforçar-se para fazer o seu melhor.

Como síntese da reencarnação como processo fundamental de aprendizado do espírito pode-se usar uma frase do Ir. Leocádio José Correia: "Não há um passado de erro, que um presente de amor e de trabalho, não possa transformar-se num futuro de luz."

Resumo do estudo realizado no módulo pós-10, GEM de Quinta-feira, SBEE, em 2025.



POR QUE REENCARNAMOS?

Rui Simonen Pag

Na existência terrena estamos sujeitos às circunstâncias da matéria: peso, extensão, limitações espaciais, pois a Terra é um espaço estruturado finito. Para o espírito, que é transdimensional, submeter-se à contração do corpo físico é algo desconfortável, incômodo, pois está sujeito às limitações dos sentidos da matéria, embora nunca haja a supressão de seu ser como uma totalidade aberta. Mas, em face destas circunstâncias, vê-se embotado nas percepções próprias do espírito.

No entanto, não somente os sentidos da matéria nos limitam. A lógica e a axiologia constituídas pela cultura na qual nos inserimos também conduzem nossas concepções e percepções, formando uma consciência apropriada a interagirmos em um mundo específico, espacial e temporal. Assim, a realidade material revela-se a nós, quase que absolutamente, como a própria realidade em si. Por isso, não raro, negligenciamos nossa verdadeira natureza, que é espiritual, e cedemos aos apelos da matéria, como um fim em si mesma.

Por que precisamos passar por estes desafios? Não haveria outros meios de evoluirmos sem a desconfortável situação de nos contrairmos, por assim dizer, em um corpo que nos limita? Bem, Deus nunca erra, se houvesse outro meio mais eficiente para evoluirmos, então este seria o escolhido.

Assim, para compreendermos um pouco mais sobre a necessária experiência na matéria, é preciso indagar sobre a nossa própria substância e essência. Ora, sabemos que o grande desafio do espírito é o autoconhecimento. Na escolaridade da Terra, pelo processo evolutivo, fazemos permanentes adaptações em face dos desafios existenciais e, assim, revelamos gradativamente, a nós mesmos, o nosso próprio ser. Isso se deve a um fundamento primordial: desde o início, já somos uma totalidade, porém aberta. Mas, o que significa esta afirmação? Penso que, como totalidade, desde o momento da nossa criação já reside em nossa substancialidade, embora latente, a singularidade que nos faz únicos e, conseqüentemente, tudo que poderemos ser. Em outras palavras, toda a nossa essencialidade já está potencialmente definida na substância que nos fez existir. Assim como uma semente carrega consigo toda a informação necessária para tornar-se árvore que, pela interação com o ambiente externo, absorve os insumos necessários à revelação dessa essência, nós também fazemos o mesmo: recolhemos do mundo das coisas os insumos necessários para revelarmos aquilo que somos. É sempre um processo de dentro para fora. Pela evolução-adaptação, operamos os insumos e desafios da matéria que vêm do exterior e nos induzem a revelarmos a nós mesmos a essencialidade que nos faz únicos.



POR QUE REENCARNAMOS?

Rui Simonen Pag

Portanto, o desconforto da matéria e a contração que nos impõe permitem revelarmos a nós mesmos o nosso interior mais profundo. Ou seja, o corpo físico, de certa forma, pressiona e induz o espírito a, permanentemente, buscar respostas que jazem latentes na totalidade que o compõe.

Mas, há outras questões sobre o porquê da reencarnação. Como, quando e por que reencarnamos? Será que estamos sob o controle de Inteligências superiores que decidem quando, como e por que reencarnamos? Ou, estamos sujeitos a um ordenamento universal, absolutamente inteligente, que nos permite programarmos-nos em face das necessidades de cada um em particular e, simultaneamente, das necessidades do conjunto como um todo?

Acredito que a segunda alternativa é a mais frequente, sem afastar, contudo, o concurso dos espíritos orientadores na preparação de nosso reencarne.

A Terra é um espaço estruturado finito contido, ou seja, como todo espaço, é limitada. Assim, nossas escolhas não podem ser unilaterais, devem sujeitar-se, pois, às necessidades e objetivos de cada um, mas sobretudo devem compor-se com as necessidades e objetivos de todos que já reencarnaram e dos que deverão reencarnar no mesmo período.

E como se organiza essa multiplicidade de interesses e propósitos?

Há duas leis universais básicas que administram e organizam a diversidade que compõe os seres vivos: a transautoecoadministração dos sistemas vivos e a transautoecoorganização dos organismos vivos. A primeira, refere-se ao conjunto, às relações das partes com o todo e a totalidade; a segunda, organiza os indivíduos e espécies, de forma a compor o “caleidoscópio” dos biomas, definindo anatomia, fisiologia, comportamentos, em face das necessidades de cada um e de todos, concomitantemente. São dois processos inteligentes que promovem a simetria das partes com o todo. Nenhum ser, espécie ou conjunto, existem isoladamente ou por acaso. Todos compõem um sistema perfeitamente ajustado para buscar, através do equilíbrio, a evolução de cada um, em particular, e de todos, no geral. O regente é o Creador, através da inteligibilidade que permeia, pela imanência, a tudo e a todos.

Mas, é preciso incluir uma outra equação para um melhor entendimento sobre a reencarnação. As duas leis fundamentais citadas acima revelam um processo absolutamente inteligente e auto-organizado. Aqui na Terra, todos vivemos e enfrentamos desafios



POR QUE REENCARNAMOS?

Rui Simonen Pag

diários: cansaço físico e mental, reposição das energias, atender as necessidades básicas da matéria, como alimentação, hidratação, exercícios físicos para a manutenção adequada do corpo, frio, calor, intempéries climáticas, tragédias pessoais, infortúnios etc.

Todos estes desafios exigem respostas, ou seja, todos os dias temos que buscar novas soluções para novos desafios, no laboratório da vida. Esta realidade se refere ao existente revelado, aquilo que já reconhecemos como obstáculos e que teremos condições de enfrentar. Mas, há outros que se encontram no existente em trânsito. São situações potencialmente reais, mas ainda latentes, que ainda permanecem veladas no extramental da Terra, e que se tornarão reveladas dentro de meses, anos ou décadas.

É justamente nesta dimensão extramental que a auto-organização do processo reencarnatório se revela. Situações latentes vão se acumulando com o tempo e, gradativamente, tornando-se realidade. Mas, pela inteligibilidade que a tudo permeia, o processo reencarnatório organiza a vinda de espíritos com prontidão e antecedência suficientes para fazer frente às novas dificuldades. Conforme já citei em outras oportunidades, a Revolução Industrial do Século XVIII desenvolveu os meios necessários para atender as necessidades do primeiro

bilhão de seres humanos reencarnados na Terra no Século XIX. Este crescimento demográfico se acentuou com a transição da Idade Média para o Renascimento, em face da decadência do sistema feudal, entre os Séculos XIV e XVII, com as grandes migrações das populações rurais para os centros urbanos em plena ascensão. Como alimentar, vestir e abrigar um bilhão de pessoas com os métodos de produção medievais.

Portanto, através das redes espirituais, que informam e comunicam, o que é e o que poderá ser, as demandas registradas no extramental alcançam o endereço cósmico, como diz Antonio Grimm, de espíritos que reencarnarão com a missão de, pela grande capacidade de empatia e poder de síntese, produzir soluções adequadas aos novos desafios.

Assim, é possível admitirmos uma certa cumplicidade reencarnatória entre todos os seres que compartilham um mesmo espaço-tempo. No limite, somos todos, direta ou indiretamente, responsáveis pelo que acontece a Humanidade que, por sua vez, é responsável pelo que acontece a da um de nós individualmente. Daí a necessidade inarredável de preservação da vida, pois todo ser vivo é um servizador, porque todo ser vivo é uma totalidade aberta que se comple-

POR QUE REENCARNAMOS?

Rui Simon Paz

Rui Simon Paz é sociólogo
Coordenador da Secretaria dos Grupos de Exercício Mediúnico

menta pelo concurso do outro.

Portanto, é preciso refletir sobre a responsabilidade de cada um em existir, estar no mundo, agir no mundo e compartilhar o espaço limitado que é a Terra. Este desafio envolve cuidados pessoais, com o corpo, com a mente, com as atitudes e comportamentos, enfim, com a vida como valor universal. Mas, sobretudo, envolve ouvir a “voz interior” que, intuitivamente, orienta-nos a perseguir os objetivos e propósitos da nossa reencanação.

Reflexões

Se todos, a cada passo,
calculassem tudo o que,
com cada passo, podemos
encontrar?

Se a nossos pensamentos
pedíssemos a permissão
para analisá-los, é esmiuçá-los
profundamente, quantos erros
a menos cometeríamos?

Agimos como quem engata a
marcha, no automático, sem
matemática ou exame profundo
das várias possibilidades que a
vida a todos oferece, ou aponta.

São estes os alertas que a
experiência da juventude nos
oferece, sorte nossa quando
aprendemos a pensar, saímos
do automático e começamos a
refletir e, com bom senso, a cada
passo e pensamento, com
sabedoria e disciplina, sabermos agir.

06/03/22 - Monica Puccinelli
Poeta e voluntária na SBEE



A FILOSOFIA DO ORGANISMO - I PARTE

Marie Bittencourt

INTRODUÇÃO

Antonio Grimm desenvolveu, ao longo dos anos, uma concepção metafísica do mundo. Como sempre deixou claro, um de seus objetivos era nos ajudar a construir uma visão de mundo espiritualista, sistêmica que nos afastasse das limitações das concepções exclusivamente reducionistas — muito presentes na vida política, social, econômica, científica, religiosa, bem como em muitos outros campos da cultura humana.

Dentro desse contexto, ele abordou temas que permitem uma visão de mundo mais adequada à complexidade da realidade. Um processo de transição — de um mundo conceitualmente newtoniano-cartesiano para um mundo mais sistêmico — é certamente um desafio que exige esforço.

Felizmente, para apoiar essa jornada, temos na SBEE os Grupos de Exercício Mediúnico (GEM), que ajudam a desdobrar os conceitos apresentados no NEP por meio de debates, avaliações e reflexões. O GEM desempenha um papel fundamental na ampliação do alcance dos conceitos trazidos por A. Grimm, pois viabiliza, através da massa crítica dos participantes da SBEE, a possibilidade de aprofundamento e recontextualização de conceitos e valores.

Não por acaso, na SBEE, somos cons-

tantemente estimulados a estudar, pesquisar e exercitar o pensamento crítico:

“Para compreender o Espiritismo, é importante processar os conhecimentos espíritos, todo o seu sistema de ideias. E, assim, compreender a natureza da evolução do espírito humano, as experiências vivenciais-existenciais, reconhecendo a inteligência do Universo, onde todas as coisas, os seres, a natureza, estão informando e comunicando a dinâmica dos sistemas complexos.”

A frase de A. Grimm enfatiza a necessidade de processar o conhecimento, bem como alude a um componente interessante de sua visão metafísica: na natureza, tudo informa e comunica.

Para exercitar o pensamento crítico na SBEE, é importante usar diferentes fontes e referências para os exercícios de interpretação e aprofundamento. A proposta deste texto é visitar um pensamento filosófico-metafísico que vem ganhando importância ao longo do tempo: a Filosofia do Organismo, que apresenta conceitos que podem enriquecer nossas discussões metafísicas.

A Filosofia do Organismo foi proposta pelo filósofo e matemático inglês Alfred North Whitehead (1861–1947). Em sua concepção filosófica,



A FILOSOFIA DO ORGANISMO

Marie Bittencourt

Whitehead traz algo muito familiar: na natureza, em todos os níveis da realidade, há experiência acontecendo e sendo compartilhada por todos os seres. Traduzindo nas palavras de A. Grimm, essa ideia parece significar que, para Whitehead, também na natureza tudo informa e comunica.

A seguir são apresentadas algumas conexões que identificamos entre a metafísica de Alfred Whitehead e a de Antonio Grimm.

METAFÍSICA

A metafísica tem como objeto de estudo as questões fundamentais da realidade que ultrapassam o âmbito físico e observável. Seu método é racional, crítico e sistemático, fundamentado na lógica e na argumentação — portanto, de natureza filosófica, e não experimental. O objetivo central da metafísica é investigar conceitos como: o que é a realidade, o ser, o tempo, a existência, as relações causais, entre outros.

Um dos papéis da metafísica é generalizar as descobertas das ciências e traduzi-las para um ajuste mais profundo dos aprendizados. Para Whitehead, a metafísica é o esforço de enquadrar um sistema de ideias coerente, lógico e necessário, por meio do qual cada elemento da experiência possa ser interpretado.

Um aspecto central da sua metafísica é a forma como ela ressignifica o pa-

pel tradicionalmente atribuído ao conceito de substância nas diversas correntes filosóficas. Antes de explorarmos sua perspectiva específica sobre esse tema, vale relembrar uma das definições bem aceitas de substância na filosofia: aquilo que está por trás ou por baixo das aparências, que sustenta as propriedades, é único, indivisível e permanece constante mesmo diante das mudanças.

Na tradição ocidental, diversos pensadores propuseram diferentes ideias sobre o que constitui essa base: para Tales, era a água; para Anaximandro, o apeiron (o ilimitado); para Anaxímenes, o ar; para Anaxágoras, o nous (mente); para Empédocles, os quatro elementos (fogo, ar, água e terra) e duas forças (amor e ódio); para Parmênides, a substância era eterna e imutável; para Heráclito, o fogo e o fluxo constante; para Leucipo e Demócrito, os átomos; para Platão, as formas eternas; para Aristóteles, a substância como aquilo que possui essência; para Hume, um feixe de propriedades; para Leibniz, as mônadas; para Descartes, a res cogitans (a substância pensante, o espírito) e a res extensa (a substância extensa, a que ocupa espaço, a matéria); e para Espinosa, a substância divina imanente.

Essa diversidade de interpretações



A FILOSOFIA DO ORGANISMO

Marie Bittencourt

sobre substância, ao longo da história da filosofia, levou à formulação de três grandes concepções sobre a estrutura da realidade: o monismo, o dualismo e o pluralismo. Monismo é a concepção filosófica de que toda a realidade deriva de uma única substância ou princípio, como a matéria ou o espírito. Já o dualismo propõe que existem duas substâncias fundamentais e distintas — geralmente o corpo e a mente — que compõem o mundo. Por fim, o pluralismo defende que a realidade é formada por múltiplos princípios, não podendo ser reduzida apenas a um ou dois elementos. Esses três conceitos oferecem diferentes formas de compreender a estrutura essencial do universo.

A física newtoniana concebeu os átomos — a matéria — como substância, ou como a unidade básica da natureza. Esta é governada de fora, estritamente por leis mecânicas e sem realidade interior. O universo é totalmente determinado, onde não há criatividade nem liberdade, e o ser humano é, conseqüentemente, visto como um ente isolado da natureza. É importante lembrar que tanto Descartes, com o “*res cogitans*” e Newton, com seu interesse por religião e a bíblia, não negavam a realidade espiritual, mas a separavam da realidade material, pois tinham dificuldade de incluí-la em sua lógica.

Para Whitehead, esta concepção não apenas contraria a sabedoria das experiências vividas e sentidas por nós, como também entra em conflito com os avanços científicos, como a teoria da

relatividade e a física quântica. Para ele, o todo da experiência humana precisa ser considerado, e nada deve ser omitido. Assim, propõe uma nova visão de mundo.

A sua crítica às ciências e à filosofia do início do século XX se expressa com o seguinte exemplo, que incorpora a experiência subjetiva na realidade a ser explicada, compreendida e interpretada:

“O lindo brilho avermelhado do pôr do sol é tão parte da natureza quanto as partículas e ondas eletromagnéticas que o explicam cientificamente.”

Para ele, não deveria haver separação entre razão, experiência, sentimento e emoção, assim como a parte não deveria estar dissociada do todo. Por isso, a natureza seria mais bem concebida em termos de um processo associado a uma substância dinâmica, que evolui e se adapta.

Whitehead afirma que a natureza se constitui de eventos, e não de coisas materiais, bem como de interconexões e interdependência, em vez de independência e isolamento. Na Filosofia do Organismo, não existe uma linha demarcatória entre mente e corpo, ou entre espírito e matéria. A resposta de Whitehead ao paradigma mecanicista é sua Filosofia do Organismo.



A FILOSOFIA DO ORGANISMO - II PARTE

Marie Bittencourt

Alfred North Whitehead desenvolveu uma corrente filosófica chamada Filosofia do Organismo, também conhecida como Filosofia do Processo. Sua linha filosófica continua sendo interpretada, discutida e contextualizada em várias partes do mundo. Antes dele, outros pensadores — como Plotino, Hume e Schelling — abordaram ideias assemelhadas.

Para a Filosofia do Organismo, a unidade básica da vida é composta pelos centros de experiência — um conceito que se distancia da noção de substância presente na metafísica tradicional. Nessa perspectiva, todos os seres, sejam celulares ou não celulares, são considerados centros de experiência: desde os níveis mais elementares da natureza, como elétrons e fótons, até o ser humano. Esses centros são concebidos como eventos ou fluxos — dinâmicos, abertos e em constante transformação.

Whitehead afirma que os centros de experiência que compõem o todo estão ligados, interagindo, informando e comunicando. Eles participam diretamente da evolução uns dos outros por meio de um processo complexo denominado concrecência. Concrecência é o processo de vir a ser, envolvendo basicamente um polo mental e um polo físico em cada indivíduo. Whitehead desenvolve esse conceito extensivamente em suas obras.

Os centros de experiência são núcleos de significação dotados de valor, razão, objetivos e propósitos, cujas trajetórias se constroem de forma relacional, em interação com outros centros de experiência. São sujeitos e autores de suas próprias vivências, participando ativamente no seu processo de desenvolvimento. É importante destacar que, nesse contexto, a capacidade de experienciar não implica necessariamente a presença de consciência — que não é universal e só emerge em entidades mais complexas, não sendo essencial para que haja experiência.

Em graus menores de complexidade — como o de uma partícula, por exemplo — a capacidade experiencial é muito reduzida, mas ainda assim existente. A física moderna demonstra em laboratório que o elétron, ou as partículas em geral, têm sempre mais de uma resposta possível, não importa o que se faça para controlá-las.

No caminho criativo da evolução — do caos primordial aos primeiros seres com comportamentos padronizados, como elétrons e prótons, passando pela formação dos átomos, moléculas, seres unicelulares, organismos pluri e multicelulares, até o surgimento de seres com sistema nervoso central e, por fim, seres dotados de consciência de si mesmos e inteligência crítica, que



A FILOSOFIA DO ORGANISMO

Marie Bittencourt

podem ser designados como espírito — cada inovação ou avanço criativo não representa apenas um bem em si, mas estabelece as bases para a realização de um bem maior no futuro.

É importante observar, no entanto, que essa visão contrasta com a perspectiva da biologia evolutiva, que não reconhece um propósito final ou uma tendência inevitável à complexificação. Para os evolucionistas, a evolução é um processo de adaptação ao meio, sem direção definida. Diferentemente, a Doutrina dos Espíritos propõe uma integração entre evolução biológica e espiritual, sugerindo que a complexidade crescente do organismo permite a expressão de um potencial espiritual — ou, talvez, que esse potencial impulse a própria complexificação. Essa relação entre corpo e espírito convida a uma reflexão mais ampla sobre os mecanismos da evolução.

Mesmo considerando as diferentes perspectivas e abordagens, é possível observar, em certos contextos, o surgimento de níveis mais elevados de complexidade, os quais permitem formas mais intensas e diversificadas de experiência. Por exemplo, o desenvolvimento de um sistema nervoso possibilitou, nos animais mais complexos, uma unificação mais intensa da experiência.

Nas plantas, embora haja alguma coordenação entre células, a organi-

zação geral é limitada, o que resulta em um potencial menor de experiência. Já em alguns invertebrados, como os cefalópodes, e em muitos vertebrados, surgem novas capacidades como memória, aprendizado, antecipação e intenção. A consciência se intensifica à medida que passa a orientar comportamentos que favorecem a sobrevivência.

Essa compreensão ampliada da experiência e da participação ativa dos seres na evolução encontra ressonância em mudanças significativas ocorridas na própria ciência moderna. A ciência do século XX, a partir do conceito de campo, da teoria da relatividade, da compreensão de que massa e energia são equivalentes e, especialmente, com o surgimento da física quântica, começou a se afastar da ideia de um mundo absoluto e pré-determinado. Passou a aceitar questões como a indeterminação probabilística e a relacionalidade, que sugerem que todas as partículas e sistemas estão continuamente em interação. Contudo, ainda carregamos, de forma muito presente, uma visão herdada de que somos seres isolados e estáticos.

Podemos tentar relacionar algumas das crises atuais da humanidade a essa visão equivocada do mundo. Será que uma visão tão parcial da



A FILOSOFIA DO ORGANISMO

Marie Bittencourt

realidade não alimenta crises típicas como o materialismo, o individualismo, o niilismo, o hedonismo, entre outras? Será que todos esses tipos de crise não estariam, de alguma forma, relacionados à visão que nos coloca como seres separados dos outros, da natureza e de Deus? Questões para se ponderar.

DUAS CONCEPÇÕES METAFÍSICAS QUE SE APROXIMAM

Segundo a Filosofia do Organismo, a natureza é concebida como um processo dinâmico de devir — sempre em transformação e desenvolvimento. A evolução é vista como um processo criativo, cujo resultado não é previsível. Evita-se o antropocentrismo, pois a humanidade é compreendida como parte da comunidade da vida, em pé de igualdade com os demais seres. Todas as criaturas possuem valor intrínseco — ainda que existam grandes variações em termos de complexidade e intensidade dessa experiência.

Nessa perspectiva, os organismos — entendidos como centros de experiência — não são apenas produtos passivos de forças genéticas e ambientais, mas atuam de forma ativa na história evolutiva. Experiência, subjetividade, mente e valor podem ser compreendidos como aspectos presentes e interativos em diferentes níveis da natureza.

Ao contrário da visão mecanicista clássica — desde Descartes e Newton

— que descrevia um mundo rigidamente determinado, a Filosofia do Organismo propõe uma reconstrução da ordem universal sob uma perspectiva orgânica. Seu modelo acolhe e valoriza os aspectos fundamentais da experiência humana: a liberdade moral, a sensibilidade estética e a busca pela verdade — ou, em termos clássicos, o bem, o belo e o verdadeiro.

Enquanto o pensamento dualista partia da existência autônoma de mente e matéria, Whitehead inaugurou uma nova abordagem ao afirmar que o real se constitui por meio de eventos — processos integrados em comunidades inter-relacionadas. A realidade, portanto, é feita de relações, experiências e transformações. Por isso sua filosofia também é conhecida como Filosofia do Processo.

Em uma das aulas do NEP, A. Grimm expressou um pensamento que dialoga com essas concepções metafísicas de Whitehead:

“Uma das ideias centrais do Espiritismo procura demonstrar, sempre numa visão crítica, que o espírito, a mente e a natureza são reflexos uns dos outros e são, pela força do espírito, necessariamente, uma unidade.”



A FILOSOFIA DO ORGANISMO

Mario Bittencourt

Mario Bittencourt é Engenheiro

Nesta frase, A. Grimm expressa uma ideia de metafísica relacional ligada à evolução do espírito em conjunto com toda a natureza, onde não há uma demarcação entre mente e matéria, mas sim uma unidade entre a parte, o todo e a totalidade — que estão em contínuo processo de evolução. Este pensamento aproxima as ideias de A. Grimm às da Filosofia do Organismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a questão metafísica — de que, na natureza, tudo informa e comunica — tenha sido respondida de forma convergente em ambas as visões: a de A. Grimm e a de Whitehead. Ambos os pensamentos entendem que há experiência e valor em todos os níveis da natureza. Todos os centros de experiência — ou as partes do todo — estão ligados, interagindo, informando e comunicando.

A Filosofia do Organismo, já no início do século XX, trouxe categorias metafísicas muito presentes no debate filosófico atual em torno da ciência da complexidade. Pode-se mencionar: contingência, emergência, novidade e criatividade. Esses são aspectos fundamentais do entendimento metafísico de Whitehead e, também, estão em sintonia com a visão que A. Grimm nos trouxe, ao trabalhar conceitos ligados à teoria de sistemas complexos, como indeterminação e não-linearidade.

O fim do atomismo clássico, provoca-

do pela reconceituação da matéria, ainda trará muitos desafios filosóficos ao desenvolvimento de uma metafísica orientada a processos. Mas hoje, seus resultados já são muito úteis para a construção de um sistema metafísico mais adequado ao conhecimento científico e filosófico do século XXI.

Em outra oportunidade, gostaríamos de apresentar a visão de Whitehead ao considerar o Deus do Processo, incluindo suas conexões com as ideias de criatividade e novidade. A Teologia do Processo reformula o conceito tradicional de Deus e oferece contribuições que se conectam de forma interessante com os conceitos da Doutrina dos Espíritos — como, por exemplo, a ideia de um Deus que é transcendente, mas também imanente, e que participa ativamente da construção de cada ser, sendo coautor da formação dos indivíduos e do mundo.

Espero que este breve resumo — com apenas algumas ideias centrais da Filosofia do Organismo — possa ter estimulado futuros estudos que venham a contribuir para um maior entendimento da obra de A. Grimm.